



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Luri Maiara Pereira da Silva

DIVERSIDADE SEXUAL E PRECONCEITO: análise das contingências envolvidas
no filme “O segredo de Brokeback Mountain”

Palmas – TO

2017

Luri Maiara Pereira da Silva

DIVERSIDADE SEXUAL E PRECONCEITO: análise das contingências envolvidas
no filme “O segredo de Brokeback Mountain”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Lauriane dos Santos Moreira

Palmas – TO

2017

Luri Maiara Pereira da Silva

DIVERSIDADE SEXUAL E PRECONCEITO: análise das contingências envolvidas
no filme “O segredo de Brokeback Mountain”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Me. Lauriane dos Santos Moreira

Aprovado em: 16/06/2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Lauriane dos Santos Moreira
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Dra. Ana Beatriz Dupré Silva
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Me. Cristina D'Ornellas Filipakis
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2017

Silva, Luri Maiara Pereira da

S586d Diversidade sexual e preconceito: análise das contingências envolvidas no filme "O segredo de Brokeback Mountain" / Luri Maiara Pereira da Silva – Palmas, 2017

39 fls; 29 cm.

Orientação: Profa.Me. Lauriane dos Santos Moreira

TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia - Centro Universitário Luterano de Palmas. 2017

1. Análise do comportamento. 2. Diversidade sexual. 4. Preconceito. I. Moreira, Lauriane dos Santos. II. Título III. Psicologia.

CDU: 159.9.072.43

À minha mãe (no céu)
“enquanto houver você do outro lado,
aqui do outro eu consigo me orientar...”
À minha mãe (na terra)
“só enquanto eu respirar vou me lembrar
[e cuidar] de você...”

AGRADECIMENTOS

“Eu não vim até aqui pra desistir agora (...) se depender de mim, eu vou até o fim”.

Agradeço a Deus pela presença diária em minha vida e a Nossa Senhora, pela intercessão ao seu Filho por mim. Perdoem-me se mais pedi do que agradei.

Às minhas mães: a do céu, que sempre me orientou, e principalmente, me inspirou a ser igual a ela. Espero que você esteja orgulhosa da sua filha. Saudades. E a minha mãeavó na terra, que rezou comigo e por mim todos os dias, esquecendo por vezes, de si mesma. Obrigada por me ensinar a ser uma pessoa de bem. Te amo.

À minha gêmea, minha irmã, meu amor: a sua irmã insuportável conseguiu. Obrigada por acreditar naquela menina de 16 anos que saiu de casa para realizar um sonho. Mas principalmente, obrigada por abrir mão do seu sonho e cuidar da nossa mãeavó enquanto eu e mamãe estamos longe.

À minha família que me motivou a nunca desistir do meu sonho, e por aguentar as piadas e as palavras de derrota a mim direcionadas. Conseguimos.

Às minhas queridas e melhores amigas (quase psicólogas), Juh e May, pelos reforços, revisões, risos, conversas inteligentes na madrugada, “barbacenices” e por me suportarem durante a graduação. Vocês não são obrigadas a nada. (Risos).

Às professoras, Ana Beatriz Dupré e Cristina Filipakis, pela grande contribuição neste trabalho. E a Professora Lau, minha querida orientadora, pelas palavras de incentivo e por acreditar que eu poderia conseguir.

À pessoas como Laíse, Dona Manoela, Madrinhas Lica, Dé, e Veuris, Tia Deuza pela amizade, torcida, incentivo e cuidado.

E a Carol, Carlos, Rick, Fê, as meninas do RH, os agregados da casa da Dela, os incríveis da turma de psicologia mais linda que você respeita, e a todos os outros amigos que fiz nessa bela cidade. Palmas sua linda, obrigada.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que de algum modo estiveram comigo nos momentos serenos ou apreensivos da graduação.

De coração, obrigada por tudo!

*“Antes de construir um mundo em
que todos possamos viver bem,
precisamos parar de construir um no qual
será totalmente impossível viver”.*
(Skinner, 1989)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar as contingências do filme “O segredo de Brokeback Mountain”, discutindo sobre diversidade sexual e preconceito. Para tanto, perpassou-se pela história da análise do comportamento, desde o Behaviorismo Metodológico proposta por J. B. Watson, até a versão do Behaviorismo Radical descrito por B. F. Skinner onde se descreveu sobre os três níveis de seleção (filogenia, ontogenia e cultura). No segundo momento, discutiu-se sobre sexualidade e diversidade sexual, desde a Grécia antiga até os dias atuais, além de abordar sobre preconceito e diversidade sexual na perspectiva comportamental. Nesse ínterim, verificou-se que qualquer comportamento é multideterminado, ou seja, decorre de variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Com isso, foi possível perceber que a Psicologia enquanto ciência pode contribuir na ampliação das discussões sobre a temática da diversidade sexual e do preconceito em várias outras áreas do conhecimento a fim de possibilitar o fortalecimento das práticas psicológicas baseadas na inclusão e no respeito às diferenças como orienta a Resolução 001/ 99.

Palavras-chave: Análise do Comportamento; Diversidade sexual; Preconceito; Filme.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the contingencies of the movie "The secret of Brokeback Mountain", discussing about sexual diversity and prejudice. In order to do so, the history of behavior analysis, from the Methodological Behaviorism proposed by J. B. Watson, to the version of Radical Behaviorism described by B. F. Skinner, described the three levels of selection (phylogeny, ontogeny and culture). In the second moment, sexuality and sexual diversity, from ancient Greece to the present day, were discussed, as well the approach about prejudice and sexual diversity in the behavioral perspective. In the meantime, it has been found that any behavior is multidetermined, that is, it derives from phylogenetic, ontogenetic and cultural variables. With this, it was possible to perceive that Psychology, as a science, can contribute in the expansion of the discussions on the theme of sexual diversity and prejudice in several other areas of knowledge in order to enable the strengthening of psychological practices based on inclusion and respect for differences as Resolution 001/99.

Keywords: Behavior Analysis; Sexual diversity; Prejudice; Movie.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Paradigma Operante..... | 15 |
| Figura 2 - Contingências do Comportamento Operante..... | 17 |
| Figura 3 - Elementos da sexualidade humana..... | 20 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

| | |
|--------|--|
| CEULP | Centro Universitário Luterano de Palmas |
| LGBTTT | Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros |
| GGB | Grupo Gay da Bahia |
| DSM | Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| CFP | Conselho Federal de Psicologia |
| ABGLT | Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis |
| OIT | Organização Internacional do Trabalho |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2. DESENVOLVIMENTO..... | 15 |
| 2.1. Análise do Comportamento..... | 15 |
| 2.2. Sexualidade e Diversidade sexual..... | 19 |
| 2.3. O Filme “O Segredo De Brokeback Mountain” | 24 |
| 3. ANÁLISE DAS CONTINGÊNCIAS DO FILME..... | 26 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 33 |
| REFERÊNCIAS..... | 35 |

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, ocorreram diversas mudanças sociais que influenciaram a maneira que a sexualidade é vista, tais como: a entrada massiva da mulher no mercado de trabalho, a crescente escolarização, a emergência de movimentos sociais, principalmente os feministas e homossexuais. (CHRISTO. MOTA, 2012).

A diversidade sexual tem sido uma temática cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Existem em todo o mundo, diversos movimentos em defesa da luta dos direitos LGBT¹ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros). Vale recordar que em 28 de junho de 1969, nos Estados Unidos, um grupo de pessoas que estavam no bar Stonewall Inn reagiu a uma perseguição policial. Esse episódio deu origem ao Dia do Orgulho LGBT, sendo essa data comemorada no Brasil pela primeira vez em 1993. Conquistas como a legalização do casamento em alguns países, e leis que punem crimes contra essa população já vigoram.

Embora haja um crescimento desses movimentos, na sociedade atual, inclusive no Brasil, o preconceito é, ainda, muito frequente em relação a este público, uma vez que segundo o levantamento anual feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) a homofobia provocou 151 mortes em todo o Brasil só neste ano de 2017². De acordo com Christo e Motta (2012), o comportamento homofóbico é exercido através do incentivo ao castigo, a humilhação, ao preconceito e à manifestação de forma dos comportamentos homossexuais nos meios de comunicação de forma caricatural.

Atualmente, constata-se a dura realidade de que os homossexuais continuam sendo uma das principais vítimas do preconceito e violência na sociedade. O relatório feito anualmente pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) sobre violência contra homossexuais, apontou que no ano de 2016, um total de 343 LGBT foram mortos em todo o País³. Dentre as vítimas, 173 eram gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%), incluindo 12 heterossexuais,

¹ Existem várias siglas para designar esse movimento. No entanto nesta pesquisa será utilizado o termo LGBT+ de forma ampla e, para distinguir qualquer comportamento diferente da heterossexualidade, indicando que o T tem significado múltiplo.

² Os dados referem-se ao período de janeiro a maio de 2017.

³ Foram adicionados mais 4 casos após o fechamento do Relatório em 23 de janeiro de 2016. Três casos de Roraima e mais um caso do Rio de Janeiro, totalizando 347 mortes no ano de 2016.

como os amantes de transexuais (“T-lovers”), além de parentes ou conhecidos de LGBT que foram assassinados por algum envolvimento com a vítima, ou por serem confundidos com gays. Esse número cresceu em relação ao ano anterior, que registrou 318 assassinatos.

Segundo Mott, (2006) na década de 1980 matava-se em média um homossexual por semana, na década de 1990 esse número subiu para um homicídio a cada três dias e, atualmente um homossexual é assassinado a cada dois dias, crimes estes em sua maioria praticados com requintes de crueldade, tendo como principais motivações o machismo e homofobia.

Apesar do histórico de lutas de muitos movimentos em defesa dos direitos LGBT terem proporcionado avanços, a violência e o preconceito contra essa população ainda vigora. Dessa forma, realizar uma pesquisa que aborde estes temas tem sua importância, pois traz ao público a “possibilidade de construção de sujeitos sociais críticos, que reproduzam em sociedade uma nova mentalidade em relação à orientação sexual, dirimir o preconceito e encontrar mecanismos para que a violência de gênero seja mitigada” (SILVA, 2013, p. 12).

Tendo em vista a importância de debater sobre preconceito e diversidade sexual, surgiu o interesse em pesquisar sobre o tema em questão a fim de apresentar como a Análise do Comportamento contribui para a discussão do tema diversidade sexual e preconceito. Utilizando-se da análise de contingência, aplicada a produções cinematográficas, o filme em questão foi “O Segredo de Brokeback Mountain”. Este recurso permitiu a realização de questionamentos e interpretações relacionadas ao tema, bem como a sua utilização em contextos diversos de atuação do psicólogo.

Em se tratando da relevância acadêmica, a análise de contingências de filmes por meio da Análise do Comportamento tem se tornado uma importante ferramenta no que tange a contextos como escola e clínica, visto que na primeira os professores se utilizam da técnica como recurso didático para tratar de assuntos do cotidiano, e na clínica é utilizada como “possíveis modelos de contingências e comportamento a serem trabalhados com pacientes” (PARREIRA; PARREIRA, 2015, p.173) que apresentem situações semelhantes às descritas no filme.

Sendo assim, esse estudo tornou-se relevante, pois além de favorecer a ampliação da discussão e desconstrução de teses que sustentam a existência de

uma sexualidade normal, possibilitou o uso da análise de filme, em vários contextos de atuação do psicólogo tendo em vista sua utilidade como recursos para o trabalho.

Quanto à finalidade metodológica, o presente estudo tratou-se de uma pesquisa aplicada que segundo Gerhardt e Silveira (2009) tem o intuito de gerar conhecimentos e aplicá-los em contextos práticos, visando à solução de problemas específicos. Quanto ao objetivo metodológico, este estudo tem caráter descritivo explicativo. Para Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência, além de estabelecer relações entre variáveis. É explicativa, pois, identificou os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, bem como por proporcionar novos ângulos acerca de uma realidade já conhecida.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados a pesquisa foi do tipo documental, que para Fonseca, (2002, p. 32) “recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico”.

Foram analisadas cenas do filme visando compreender as contingências envolvidas nos comportamentos dos personagens. O critério de seleção das cenas foi o de que as cenas deveriam relatar situações em que os personagens principais vivenciassem atitudes de preconceito. Primeiro a cena foi escolhida. Fez-se a descrição da tríplice contingência da cena e por último esta foi analisada pela perspectiva da Análise do Comportamento de modo a discutir a diversidade sexual e o preconceito.

2. DESENVOLVIMENTO

2. 1. Análise do Comportamento

O Behaviorismo surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, através de J. B. Watson (1878-1958), e tinha como proposta tornar o comportamento observável objeto científico de estudo da Psicologia. Tomando como referência Pavlov (1849-1936). Watson utilizou o termo condicionamento respondente que, para Moreira e Medeiros (2007, p. 46), “refere-se ao processo e ao procedimento pelos quais os organismos aprendem novos reflexos”, ou seja, é um tipo de aprendizado em que um estímulo inicialmente neutro passa a eliciar uma resposta após emparelhamento.

Utilizando-se da proposta inicial de Watson, de compreender os comportamentos publicamente observáveis, porém avançando nos estudos, surgiu na década de 1930 o Behaviorismo Radical, proposto por B. F. Skinner (1904-1990). Influenciado pelo pragmatismo, tinha como proposta além de observar os comportamentos públicos, estudar também os comportamentos privados, pois o primeiro sozinho não conseguia abranger todos os comportamentos do organismo.

Para ele, mais do que as respostas dadas pelo organismo decorrentes de um estímulo ambiental, também era importante estudar as consequências que essas respostas produziam no ambiente, e a isso ele denominou de comportamento operante (BAUM, 1999). O comportamento operante é representado pela contingência tríplice, $S-R \rightarrow S$, sendo classificado como aquele comportamento que produz consequências (modificações no ambiente) e é por elas afetado (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

O S inicial trata-se dos estímulos ambientais, sendo que a filogenia (história da evolução da espécie), ontogenia (história da evolução do indivíduo) e a cultura, os quais influenciam na resposta. o R é a resposta ou o comportamento dado pelo organismo e o S final é o estímulo consequente que decorre de tal resposta. É este último que determina se a frequência do comportamento operante aumenta ou diminui.

| Paradigma operante | Exemplo | | | | |
|--|---|----------------------------|--------------------------------------|-------------|---|
| S^a - R → S^c | S^a Vitória do Flamengo | - serve de ocasião para | R pedir o carro emprestado | → produz | S^c Empréstimo do carro |

Figura 1. Paradigma operante. (Fonte: MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 148).

Skinner (2003) afirmava que o homem modifica e transforma o ambiente e simultaneamente é modificado por ele, produzindo novas formas de comportamento. No exemplo acima, a resposta de pedir o carro emprestado para o pai, que é torcedor do flamengo, será reforçada, com o empréstimo do carro na presença da vitória do time (MOREIRA; MEDEIROS, 2007), o que conseqüentemente aumentará as chances de ocorrer em situações semelhantes. Quando ocorre esse aumento ou diminuição da frequência de um comportamento, diz-se que ocorreu a aprendizagem ou o condicionamento.

Moreira e Medeiros (2007, p. 146) afirmam que “os eixos fundamentais de uma análise funcional são os paradigmas respondente e, principalmente, o operante”, ou seja, verificar os fatores que implicam na ocorrência de dado comportamento, sendo que essas implicações decorrem da interação entre organismo e meio.

Para Skinner (2007),⁴ três fatores não observáveis interferem resposta a esse comportamento: a filogenia, ontogenia e cultura.

A filogênese (que seleciona certas características anátomo-fisiológicas, certas respostas - reflexos incondicionados – a sensibilidade às conseqüências da ação e a sensibilidade diferenciada a certos eventos ambientais) a ontogênese (na qual a imitação, modelação e modelagem produzem repertórios novos e adaptativos ao ambiente atual do indivíduo) e a cultura (que possibilita, por meio da linguagem, a aquisição de comportamentos novos sem necessidade de exposição às contingências que originalmente produziram aquele comportamento) (TOURINHO, 2003, p. 38).

Em outras palavras, a filogenia é a herança genética derivada da história de evolução da espécie (BAUM, 1999), em que comportamentos ou características são passados ao longo das gerações. A ontogenia é a história de evolução de um indivíduo dentro da sua espécie, ou seja, é o seu histórico de desenvolvimento e aprendizagem ao longo da sua vida, e a cultura são os comportamentos adquiridos da relação do ser com o ambiente social.

Existem quatro operações de aprendizagem operante: o reforço positivo, o reforço negativo, a punição positiva e a punição negativa. No reforço positivo, a frequência do comportamento aumenta porque há a apresentação de um estímulo reforçador. Já no negativo, a frequência irá aumentar a probabilidade de o

⁴ Artigo originalmente publicado na Revista Science, [Skinner, B.F. (1981). Selection by consequences. Science, 213, 501-504]. A tradução para a língua portuguesa e a publicação na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva foram permitidas pela American Association for the Advancement of Science e pela B.F.Skinner Foundation.

comportamento ocorrer para não entrar em contato com o estímulo aversivo. Quando a frequência de emitir um comportamento é reduzida, diz-se que é uma punição (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Na punição positiva, a apresentação de um estímulo aversivo diminuirá a possibilidade de que o comportamento ocorra em situações semelhantes. E na punição negativa o organismo irá reduzir a frequência de emissão de um comportamento em decorrência da retirada de um estímulo que lhe é reforçador (DAVIDOFF, 1983). A figura 2 ilustra essas quatro operações e também a extinção, que refere-se ao processo do retorno ao nível operante, de uma resposta anteriormente reforçada, no repertório de um indivíduo, ou seja, ocorre quando há a suspensão do reforço, resultando aos poucos, em uma diminuição da frequência do comportamento.

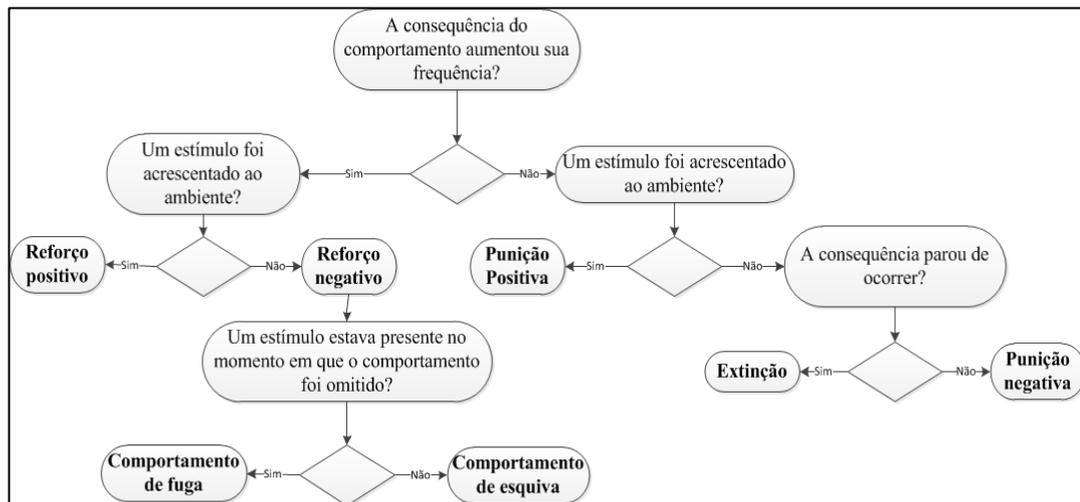


Figura 2. Contingências do Comportamento Operante (Fonte: FILIPAKIS, 2012, p. 17).

No paradigma respondente, a extinção ocorre quando um estímulo condicionado deixa de eliciar uma determinada resposta. Assim, segundo Moreira e Medeiros (2007, p. 38) a “resposta reflexa condicionada pode desaparecer se o estímulo condicionado for apresentado repetidas vezes sem a presença do estímulo incondicionado”.

Contudo, no paradigma operante descrito por Skinner, a extinção ocorre quando o reforço, após uma história prévia de reforçamento, já não é mais disponibilizado ao comportamento do sujeito, ou seja, há uma quebra na contingência, em outras palavras, esse tipo de extinção caracteriza-se por atuar no estímulo consequente, fazendo com que uma resposta adquirida diminua gradualmente de frequência.

Para Sidman (1995, p. 50) “o comportamento não ocorre em um vácuo. Eventos precedem e seguem cada uma de nossas ações. O que fazemos é fortemente controlado pelo que acontece a seguir”, com isso, a análise do comportamento considera o organismo e seus comportamentos, além de compreender os fatores que os determinam.

Assim sendo, os analistas do comportamento têm desenvolvido estudos úteis em contexto laboratorial, mas também nos diversos contextos de atuação do psicólogo. Dentre eles, destacam-se os estudos acerca de análise de filmes, os quais têm sido utilizados tanto em contexto clínico quanto educacional, mas não se restringindo a eles.

De acordo com Rocha, Oliveira e Gonçalves (2016) embora não haja na literatura muitos estudos relacionados a eficiência da utilização de filmes na clínica, muitos profissionais tem adotado essa técnica, que segundo Neno (2003) tem sido utilizada como estratégia de intervenção em terapias comportamentais, pois, possui um componente de adaptação comportamental que é similar a outras intervenções convencionais utilizadas pelo psicólogo.

Para Moreira e Silva (2009, p. 60), a utilização deste método na clínica possibilita ao cliente

o conhecimento de que as relações entre eventos ambientais e as ações das pessoas, estão profundamente ligadas. E é a partir da compreensão dessa relação que as pessoas podem tentar modificar as contingências às quais estão submetidas, visando obter melhor interação e conseqüentemente, melhores sentimentos.

De acordo com Barreto; Ribeiro (2014) a prática de análise de filmes não é algo novo, considerando que há várias publicações relacionadas a essa temática. Por exemplo, na análise do filme “Lilo e Stitch” (EUA, 2002), Moreira e Silva (2009) mostram se um modelo pode ou não influenciar na aprendizagem de “maus” comportamentos em crianças, além de fornecer subsídio aos pais e aos terapeutas que estejam atendendo crianças que apresentam comportamentos semelhantes aos dos personagens.

Neste contexto, Vasconcelos (2005) aponta que

ao brincar com livros, filmes e músicas a criança mantém contato com o mundo. O rico intercâmbio entre fantasia e realidade possibilita a compreensão dos vários aspectos do que lhe são apresentado e, sobretudo, expressar suas próprias opiniões, contribuindo para sua interação social (VASCONCELOS 2005, p. 4).

Batista, Fukahori e Haydu (2004) mencionam como os filmes com cenas de violência afetam o comportamento de crianças, contribuindo com o aumento da

agressividade. Parreira e Parreira, (2015) também descrevem através da análise do filme “Procurando Nemo” (2003) a relevância e a eficiência do método cinematográfico para uso dos Psicólogos Comportamentais.

Os livros “Skinner vai ao cinema volume 1” e “Skinner vai ao cinema volume 2” (2014) organizados por De-Farias e Ribeiro (2014) são um apanhado de várias análises de filmes que abordam diversos temas com o intuito, segundo as autoras, de além de expandir a abordagem comportamental, subsidiar profissionais quanto a utilização desta técnica em vários contextos de atuação profissional. Em cada análise, várias contingências são identificadas, sendo cada uma seguida por discussões que possibilitam a introdução de estudos voltados para vários temas de interesse na interação com os clientes.

Essa técnica tem sido adotada também por professores em sala de aula com o intuito de “aumentar habilidades sociais, melhorar relacionamento no aspecto pais-filhos, dentre outros” (PARREIRA; PARREIRA, 2015, p. 172). É utilizada também como estratégia de apreensão de conteúdos, e no desenvolvimento de comportamentos desejados socialmente, além de importantes fontes de estimulação e eficientes meios de transmissão de valores, padrões de comportamentos baseado naqueles apresentados pelos personagens.

2.2. Sexualidade e diversidade sexual.

De acordo com Louro (1997) a sexualidade humana é estruturada por uma inúmera combinação de fatores que podem ser biológicos, psicológicos e sociais, e é composta de forma geral por três elementos sendo eles a orientação sexual, a identidade de gênero, e o sexo biológico.

O sexo biológico é definido pela combinação dos seus cromossomos com as genitálias. São os órgãos genitais, que distingue machos e fêmeas.

No que se refere a identidade de Gênero, esta é compreendida como a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou da combinação de ambos, independentemente do sexo biológico. É a forma como a pessoa se vê e como deseja ser reconhecida. O termo gênero distingue a dimensão biológica da social, pois a dimensão biológica faz essa divisão entre homem e mulher, no entanto, a maneira como cada um se percebe, independente do sexo biológico é determinado também pela cultura (LOURO 1997).

Segundo o mesmo autor, orientação sexual é a inclinação afetiva e/ou sexual que uma pessoa expressa em relação à outra, voltando a ela seu desejo. Existem três tipos mais comuns de orientação sexual, são elas heterossexual (sentir-se atraído afetivo e/ou sexualmente por pessoas do sexo/gênero oposto), homossexual (sentir-se atraído sexual e/ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero), bissexual (sentir-se atraído afetivo e/ou sexualmente por pessoas de ambos os sexos/gêneros).

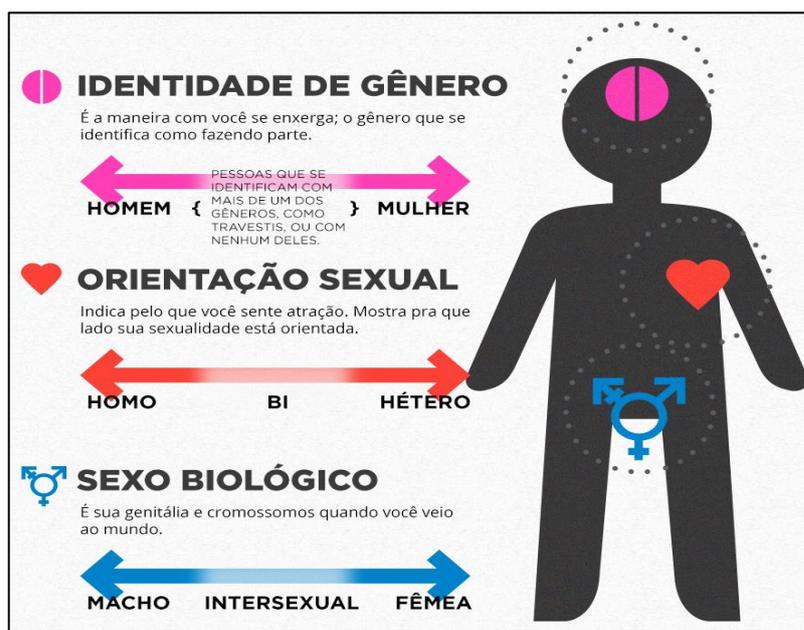


Figura 3: Elementos da sexualidade humana⁵.

Chamamos de Diversidade Sexual as infinitas formas de vivência e expressão da sexualidade. A princípio, de acordo com Spitzner (2005), para discorrer sobre sexualidade, é importante retomar sua evolução histórica, pois, ao longo do tempo, sofreu várias influências decorrentes das mudanças nos modos de pensar. Com isso, algumas concepções surgem a partir de contextos culturais, econômicos, religiosos, políticos, tornando-se impossível falar de sexualidade de forma fragmentada.

De acordo com Duarte e Christiano (2012), os primeiros indícios de sexualidade humana surgiram no período Paleolítico por volta do ano 10000 a.C, quando a sociedade era matriarcal, ou seja, a dominação era feminina, uma vez que os homens saíam para suas atividades de caça, deixando às mulheres todo o

⁵Fonte: <http://www.livrariaflorence.com.br/blog/a-diferenca-entre-sexo-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>

gerenciamento familiar. Percebe-se que a sexualidade neste período, é marcada por um enaltecimento à fertilidade feminina.

Contudo, por muito tempo, o ato sexual foi considerado algo vergonhoso/mundano. Conforme Ferreira (2006), a Grécia antiga era influenciada pelas ideias de Platão de que o ser humano era dividido. De um lado a razão e o espírito, considerados bons, e do outro lado corpo e sexo, que eram coisas más, afastando o homem da sua racionalidade (LOURO, 1997).

Durante a Idade Média, de acordo com Duarte e Christiano (2012), a Igreja Católica, valorizava a virgindade como forma de não se afastar de Deus. Baseando-se também na ideia de corpo e espírito, o cristianismo via o sexo como algo correto apenas no matrimônio e/ou quando tinha a função de procriação e crescimento espiritual. Qualquer outra forma que fosse contrária a estipulada era considerada como imoral. A mulher é desvalorizada e a sexualidade assume caráter religioso. Logo, na modernidade, com o advento das indústrias, essa repressão sexual foi enaltecida, com a finalidade de preservar energia para o trabalho.

A repressão sexual foi e continua sendo fortemente influenciada pelos sistemas de poder vigentes, que se utilizam de instrumentos de culpabilização, ditando às pessoas o que é certo e o que é errado, o que é pecado e o que não é pecado, conceito chamado de “paternalismo moral” (FERREIRA, 2006, p. 19). Ainda segundo a mesma autora, percebe-se que “as pessoas são mais facilmente controladas e submissas, numa sociedade na qual a repressão das formas de prazer, inclusive a sexual, é um instrumento da ideologia dominante”.

Embora esse pensamento tenha sido dominante por muito tempo, atualmente, na pós-modernidade, percebe-se mudanças significativas em detrimento das lutas de diversos movimentos sociais.

Conforme Ferreira (2006, p. 16),

através das gerações passadas nos chegou uma ideia muito perturbada sobre a questão sexual, devido a uma ideologia repressiva do sexo que é a maior responsável pelas ignorâncias e pelos tabus a este respeito. Isto fez com que o sexo, até hoje, fosse encarado como indecência, como uma coisa que os homens fazem com as mulheres, etc. (FERREIRA, 2006, p. 16).

Segundo Facchini (2011), foi no fim da década de 70 que surgiram os primeiros grupos de ativistas homossexuais, no Brasil. O país encontrava-se em um contexto de fim da ditadura militar e, aliado aos movimentos feminista e negro, o movimento homossexual tinha como proposta a transformação da sociedade, com o

propósito de desfazer hierarquias sociais, em especial as relacionadas a gênero e sexualidade.

Na década de 1990, esse movimento ganha força a fim de enfrentar a crise em decorrência da AIDS, e é nesse período que surgem os grupos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, chamado de GLS. Após todo esse movimento em prol da causa, de acordo com Facchini (2011) em 1995 é fundada a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis), tornando-se a primeira rede de organizações LGBT do Brasil, e a maior da América Latina.

Percebe-se que a instituição da ABGLT foi um marco significativo na história da luta pelo direito à diversidade sexual, pois sua criação possibilitou maior organização desse movimento. Para Christo e Motta (2012), toda essa mobilização possibilitou inúmeras mudanças nas concepções de sexualidade, bem como novos olhares para a diversidade sexual, sobretudo o de patologização.

O MEC em seu caderno intitulado Escola Sem Homofobia (BRASIL/MEC 2011) descreve que com a descoberta da pílula anticoncepcional, e o surgimento de técnicas para evitar a gravidez sem deixar de praticar sexo, a sexualidade foi percebida de outra forma. Vale ressaltar que esse caderno não chegou a ser utilizado como se pretendia, pois esferas mais conservadoras da sociedade e do Congresso Nacional desencadearam uma campanha contra o projeto. Chamada de “kit gay”, de acordo com Soares (2015), a proposta foi acusada de instigar o “homossexualismo” e a promiscuidade, com isso o Governo Federal decidiu suspender o projeto.

Para Ferreira (2006) embora a sexualidade humana, esteja amparada pelo potencial biológico da espécie, trata-se de uma construção simbólica, individual e também coletiva. Do mesmo modo, a Análise do Comportamento ressalta que o “comportamento sexual é produto de contingências ambientais filogenéticas, ontogenéticas e culturais, de forma que se tornou e é importante para a espécie, para o indivíduo e para a caracterização e transformação da cultura” (BAPTISTUSSI, 2003, p. 162). Com isso as práticas e manifestações da sexualidade variam conforme a cultura, a época e os indivíduos.

Sabe-se que a experiência sexual, como toda experiência humana, é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos. Por conseguinte, para Skinner (2007), o comportamento homossexual, assim como qualquer outro comportamento também é determinado pela filogenia, ontogenia e

cultura, tornando-se algo natural, uma vez que, de acordo com Gadpaille, (1980) *apud* Menezes; Brito (2007), teve registro em várias espécies animais que tiveram a sexualidade investigada.

Outra possível influência para os comportamentos homossexuais diz respeito ao fato de a região pélvica nos seres humanos se desenvolve a partir de várias terminações nervosas, e em especial tem-se a glândula (homem) e o clitóris (mulher). Nesse sentido, estimulações nessa região podem eliciar resposta excitatória. Contudo, segundo Lidório e Tataren (s/a), no período da primeira infância torna-se conhecido (através de regras e estabelecimento de contingências) que estimular os órgãos sexuais provoca uma resposta prazerosa. Assim sendo, são as regras conduzidas através das gerações, e as contingências firmadas nas primeiras relações sexuais e também nas primeiras experiências de estimulação do próprio corpo, via masturbação, por exemplo, é que formarão o seu repertório sexual e definirão os operantes relacionados ao seu comportamento.

Sabe-se que o comportamento operante é o mais provável que ocorra na presença de um estímulo que seja discriminativo, em decorrência de uma história reforçadora na sua presença. Com isso, Lidório e Tataren (s/a) afirmam que “construímos um operante ao tornarmos um reforço contingente a uma resposta. A maneira como as primeiras relações sexuais ocorreram, o reforçamento (orgasmo e ejaculação), dentre outros, definirão classes de operantes” (p.18). Neste contexto, Menezes e Brito (2007) descrevem que se além de procriar a função do sexo for também a de prazer, a homossexualidade seria justificada como consequência de várias estimulações sexuais, sendo algo tão natural quanto a heterossexualidade.

Malott (1996) reforça em um artigo que a história comportamental e as contingências atuais, são importantes ferramentas na compreensão das causas dos valores e comportamentos individuais. Assim ao falar sobre ser heterossexual, homossexual, transexual ou bissexual, é necessário analisar os papéis sexuais em dois componentes, o primeiro diz respeito ao estilo de comportamento sexual, e o outro aos valores sexuais, a fim de abordar o papel do inato e do adquirido como determinantes das diferenças individuais da orientação sexual.

No que tange esses aspectos, a homossexualidade por tempos foi vista como patologia, no entanto, apenas no ano de 1987 foi excluída do (DSM) Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana. Em 1975, a Associação de Psicologia Americana também desconsiderou o termo como doença,

e em 1993, foi a vez da Organização Mundial da Saúde – (OMS), rejeitar a homossexualidade como patologia. Contudo, essa despatologização pode não ter sido um fator influenciável de modo a modificar algumas atitudes preconceituosas de profissionais incluindo os da Psicologia, que por sua vez, em uma minoria, insistem em considerar homossexualidade como “anormal” (MATIAS, 2007).

O preconceito é definido como “uma atitude hostil e desfavorável, relacionada uma aversão sentida ou expressada que pode ser direcionada a um grupo ou a um de seus membros a um julgamento errôneo, inalterável e generalizado, a qual apresenta” (ALLPORT, 1954 *apud* GOUVEIA et al 2012, p. 496). Ao preconceito dirigido a homossexuais dá-se o nome de homofobia.

Fazzano e Gallo (2015, p. 538), definem em termos comportamentais que a homofobia seria

um conjunto de comportamentos complexos, envolvendo comportamentos operantes e respostas emocionais, relativos às várias modalidades de agressão (seja física, psicológica ou sexual) contra indivíduos homossexuais ou que se identifiquem com a cultura homossexual (FAZZANO; GALLO, 2015, p. 538).

A Psicologia tem mostrado importante contribuição quanto a aspectos referentes à defesa dos direitos das pessoas LGBT. Notam-se evoluções através da Resolução do CFP nº 014/11, que possibilitam às pessoas transexuais e travestis inserirem o nome social no campo “observação” da Carteira de Identidade Profissional do Psicólogo, bem como a Resolução 01/1999, que orienta que “os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados”.

Segundo Christo e Motta (2012), embora haja avanços quanto as contribuições da Psicologia para trabalhar a temática diversidade sexual, faz-se necessário começar pela academia, a fim de formar profissionais capazes de produzir uma escuta sem formação de (pré) conceitos.

2.3. O filme “O Segredo de Brokeback Mountain”.

“O Segredo de Brokeback Mountain” é um filme norte-americano de 2005, dirigido por Ang Lee, protagonizado por Jack Twist (Jake Gyllenhaal) e Ennis del Mar (Heath Ledger), que retrata o envolvimento romântico e sexual entre dois cowboys do oeste dos Estados Unidos, entre 1963 e 1981. É uma adaptação do conto de Annie Proulx e estreou em 3 de fevereiro de 2006 no Brasil.

O filme se inicia no verão de 1963, quando os dois cowboys são contratados por um criador de ovelhas para cuidar do seu rebanho na região montanhosa de Brokeback. Eles passavam muito tempo convivendo juntos e no início o envolvimento deu-se apenas de maneira profissional. Contudo ao longo dos dias trabalhando na montanha, acabam se relacionando de forma mais profunda. Quando se dão conta de tamanho envolvimento, percebem já ser tarde. Quando acaba o período de contratação feito pelo fazendeiro, rompe-se também, de maneira abrupta o relacionamento entre os dois.

Após rompimento cada um retorna vida que tinham antes do período em que trabalharam juntos. Ennis se casa com Alma Beers, (personagem vivida por Michelle Williams) e os dois têm duas filhas. E Jack casa-se com Lureen Newsome (interpretada pela atriz Anne Hathaway) filha de um grande fazendeiro da região, e os dois têm um menino chamado Bobby. Ennis e Jack vivem suas vidas longe um do outro, embora ainda pensem em tudo que ocorreu enquanto estavam na montanha.

Após alguns anos, enquanto Jack passava pela região onde Ennis morava, enviou-lhe um cartão, dizendo que desejava revê-lo. Os dois se reencontraram, e durante um beijo, são vistos pela esposa de Ennis, que não comenta sobre a cena que viu. Após o reencontro, passam a se encontrar novamente, às escondidas na montanha. No entanto, por medo de entrarem em contato com o preconceito das pessoas, resolvem se afastar e manter os relacionamentos com suas esposas. Com o tempo, após várias crises conjugais, ocorre separação de Ennis e Alma. Jack também se separa da mulher, e inicia outro relacionamento, mas o sentimento entre os dois ainda permanece.

Algum tempo depois, Ennis recebe um postal, e descobre que o amado havia falecido. Na tentativa de saber a causa da morte, Ennis procura a ex-esposa de Jack que diz ter sido uma fatalidade. Ennis no intuito de mostrar a importância que a montanha tinha para Jack vai até a casa de seus pais. A Mãe de Jack gentilmente o recebe, e lhe presenteia com a camisa que o filho estava usando quando ele e Ennis brigaram na montanha. Ennis, guarda sua camisa e a de Jack junto às lembranças que tem da montanha Brokeback.

3. ANÁLISE DAS CONTIGÊNCIAS DO FILME “O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN”

Contingência na Análise do Comportamento é utilizada para se referir a uma relação de dependência entre eventos comportamentais e ambientais (SKINNER, 1953; TODOROV, 1985). Assim sendo, fazer análise de contingência é compreender os estímulos dos quais o comportamento é função (MEDEIROS; MOREIRA, 2007).

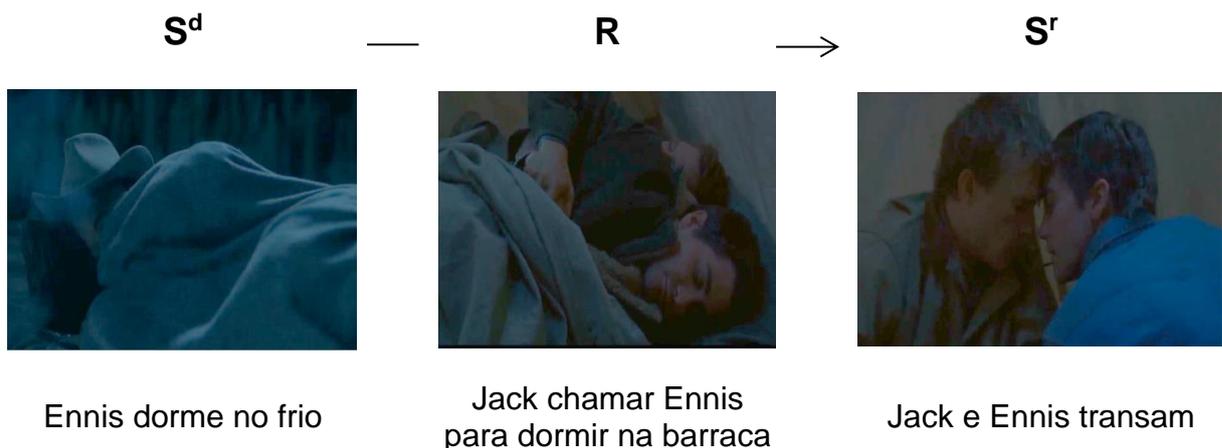
Em outras palavras

é apenas quando analisamos o comportamento sob contingências conhecidas de reforço que podemos começar a ver o que ocorre na vida cotidiana. [...] Em outros termos, não mais encaramos o comportamento e o ambiente como coisas ou eventos separados, mas nos preocupamos com a sua inter-relação. Procuramos as contingências de reforço. Podemos então interpretar o comportamento com mais sucesso (SKINNER, 1975, p. 184, apud COSTA; MARINHO, 2002, p. 45).

Sabe-se que o uso de filmes tem sido importante ferramenta para psicoterapeutas, pois ao fazerem uma revisão bibliográfica acerca do uso de filmes como recurso terapêutico Oliva, Vianna e Lotufo-Neto (2010) denotam que essa técnica proporciona melhor comunicabilidade entre terapeuta e cliente, além de mudança de comportamento a partir do uso de filmes.

A seguir, serão descritas as análises de contingências de alguns comportamentos de personagens do filme “O segredo de Brokeback Mountain” a fim de discutir sobre preconceito e diversidade sexual.

Cena 1: Primeiro contato afetivo/sexual entre Jack e Ennis



Quando os dois tem relação sexual pela primeira vez, tem-se a impressão de que ela só ocorreu por um desejo físico decorrente de um período sem nenhum contato sexual. Contudo, após retornarem da montanha, Jack e Ennis não conseguem se manter distantes das lembranças do ocorrido, muito embora não consigam admitir o que sentem um pelo outro. Os sentimentos de medo e

insegurança permeiam a relação dos dois, por ser este um assunto delicado visto socialmente como inaceitável e anormal.

Compreendem-se os sentimentos vivenciados pelos dois, pois, ao analisar o contexto histórico da época, a homossexualidade era algo patológico e intolerável. No entanto, segundo Lau (2015), até meados de 1900, o *cowboy*, por evitar relações com mulheres e com isso não ter filhos, era visto como uma pessoa livre, independente, “machão”. Sendo assim, relações apenas como meio de obtenção de prazer entre dois homens eram vistas de forma natural. Só após esse período é que os homossexuais passaram a ser rejeitados na literatura do Oeste americano.

A vida dupla em que vivem os dois gera muita angustia, pois transitam entre o desejo (imoral) e o socialmente aceito. Neste caminho, Moreira (2013, p. 38), afirma que ter uma orientação sexual incerta gera um custo elevado de resposta, “pois se teria que aprender padrões comportamentais muito diferenciados, então o indivíduo passa a se comportar publicamente (e quem sabe, a desejar – ou seja, comportar-se privadamente) conforme este cenário social maior”.

No dia seguinte à primeira relação sexual, Ennis afirma para Jack que não é “bicha”, e este responde afirmando também não ser. Esta atitude de negação da homossexualidade dos personagens faz menção às imposições sociais, ou seja, a heteronormatividade, denotando um medo de ambos de que o fato torne-se público.

A sociedade reforça o modelo tradicional e patriarcal de família, constituído por homem e mulher, no qual, segundo Saffioti (1987) o poder é destinado ao “macho”, ficando designadas à mulher as tarefas domésticas e a maternidade. Neste sentido, comportamentos contrários a estes não são considerados socialmente adequados.

Para Ribeiro (2014), esta configuração ainda permanece forte, no entanto, concatena-se com outros modos de relacionamentos como as uniões homossexuais. Nesse processo de transformação dos valores, espera-se que a sociedade torne-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações de relações amorosas, o que era algo impensável na época que o filme retrata.

Cena 2: Ennis se recusa a morar com Jack

S^d

—

R

→

S^r

Jack convida Ennis para morar com ele



Pai de Ennis mostra homem morto por ser homossexual



Continuam morando separados

Na infância, o pai de Ennis contou histórias e mostrou a ele e ao irmão um homem que foi morto de forma bárbara, provavelmente pelo seu pai, por ser homossexual. Dessa forma, este episódio torna-se contexto, junto com os já referidos preconceitos da época, para que diante do convite de Jack para que os dois morem juntos, ou para qualquer outro convite, a resposta de Ennis seja negativa.

Conforme Sidman (1995, p. 40), “embora pessoas influenciem umas às outras de muitas maneiras, elas recorrem mais rapidamente a meios coercitivos para produzir resultados do que outros meios”. No filme, baseando-se no que ocorreu com um homem por ser homossexual, Ennis e Jack preferem manter sua relação em segredo, para diminuir a probabilidade de entrar em contato com a experiência de sofrimento e morte, e passam a emitir comportamentos incompatíveis com o comportamento punido.

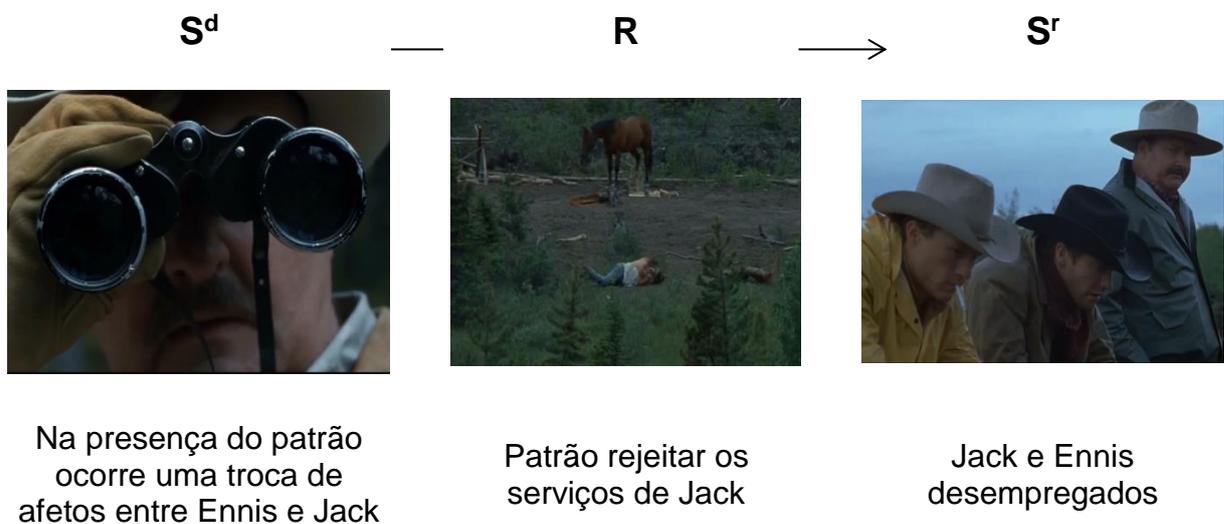
Importante assinalar que as contingências de punição e reforço negativo, frequentemente presentes nos repertórios comportamentais dos homossexuais, geram emoções desagradáveis no organismo que tiveram seus comportamentos conseqüenciados por eventos aversivos.

De acordo com Fazzano e Gallo (2015), no que diz respeito à homossexualidade, comportamentos como ficar em casa, evitar relacionamentos amorosos ou até ficar ‘no armário’, podem ser consideradas respostas incompatíveis cuja função é prevenir uma estimulação agressiva, exemplificando uma contingência de reforço negativo.

Assim, Miskolci (2006) traz que “o armário continua a existir e o segredo ainda é regra para a imensa maioria das pessoas que amam outras do mesmo sexo, em especial as que vivem em cidades pequenas e médias” (p. 563).

Mesmo a homofobia não ocorrendo com todas as pessoas do universo LGBT, sua ocorrência ou relevância deve permanecer evidente aos olhos da ciência ou da elaboração de políticas públicas que promovam a garantia de direitos a essa população.

Cena 3: Patrão se recusa a empregar Jack



No filme, o fato de o patrão ver a troca de afetos entre Jack e Ennis, mesmo sem o casal ter conhecimento disso, serviu como estímulo para que, diante de uma nova solicitação de emprego de Jack, o patrão emitir o comportamento de rejeitar seus serviços. Nota-se uma situação de preconceito por parte do empregador, discorrendo sobre as situações vividas por Jack e Ennis na montanha e alegando que não havia lugar para pessoas como eles na sua empresa. Assim, esses comportamentos do patrão produzem, como consequência, o desemprego de Jack e Ennis, além de tantos outros comportamentos.

Para Greenhaus, Parasuraman e Wormley (1990) *apud* Garcia; Souza (2010) há duas formas de comportamento discriminatório no trabalho para com os homossexuais, a primeira diz respeito à discriminação no acesso, que é a negação por parte de pessoas com cargos de comando na organização, em contratar homossexuais para integrarem a empresa. O segundo tipo de discriminação existente na organização é a discriminação no tratamento, que ocorre quando homossexuais recebem pouca ou nenhuma oportunidade de crescimento na

empresa devido a sua condição sexual, como qualificação, promoção de cargo, aumento salarial dentre outras.

O filme não relata episódios como esses com clareza, mas, em uma cena anterior, o patrão dá aos dois a ordem para que desmontem o acampamento e tragam o rebanho de volta um mês antes do combinado. Nisto, fica subentendido que ocorreu a discriminação em virtude do contato sexual presenciado pelo empregador.

É importante considerar o contexto cultural em que ocorreu o filme. O enredo se passa entre os anos de 1963 e 1981, época em que a homossexualidade ainda era considerada patologia pela OMS, e que só foi desconsiderada doença na década de 1993. No entanto, no cenário atual, tal despatologização não promoveu mudanças significativas em relação aos estigmas instituídos ao longo dos anos, que permaneceram também em alguns profissionais, inclusive os de psicologia (MATIAS, 2007).

A postura do preconceito sobre a homossexualidade é contrária a recomendação 111 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que diz que no território laboral toda pessoa deve gozar, de um ambiente sem discriminação, onde as oportunidades e os tratamentos sejam igualitários. Dessa forma, o local de trabalho deve ser um ambiente favorável aos direitos do empregado, ou seja, não ferir sua integridade física, psíquica e moral, bem como prevalecer o bem-estar daqueles que o utilizam, não podendo, por isso, ser local de qualquer tipo de preconceito ao trabalhador quanto à sua orientação sexual, ou qualquer outro fator.

Cena 4 : Separação de Ennis e Alma

S^d



Alma descobre a traição
do marido
Brigas constantes

R



Alma pede divórcio



S^r

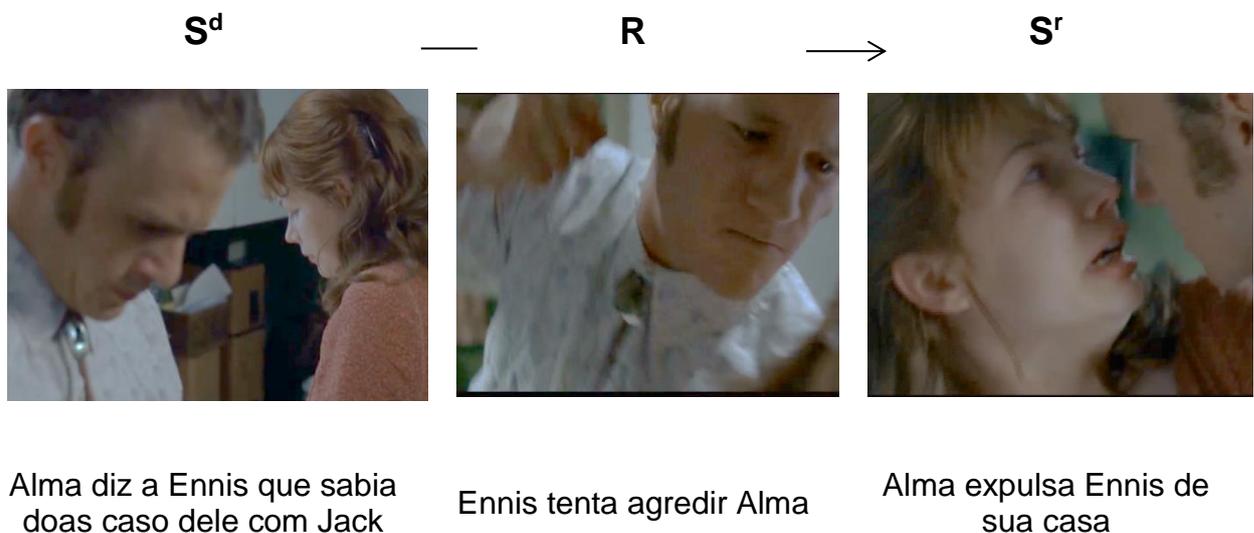


Separação

Uma série de fatores provocou a separação de Ennis e Alma, dentre eles a descoberta da esposa do relacionamento homoafetivo do marido. Segundo Ribeiro (2014) diversos motivos influenciam na permanência da mulher no casamento, mesmo após a descoberta da traição, como insegurança afetiva e financeira, medo de ter que cuidar sozinha dos filhos, por acreditar que o marido não a trocaria pela outra relação, por acreditar que é um momento passageiro ou ainda por amar o companheiro.

Para Ribeiro (2014), no entanto há um custo afetivo alto, pois constantemente ocorrem brigas, perda da autoestima, bem como diminuição do desejo sexual, por saber que o marido sente-se atraído por outra pessoa. Ennis e Alma mantiveram por um tempo uma relação amigável após a separação, com participação de ambos na criação das filhas. Após um tempo, Alma conta a Ennis que tinha conhecimento da sua relação com Jack. Este foi o desencadeador para o comportamento de Ennis tentar agredi-la, conforme análise da contingência a seguir.

Cena 5 : Alma e Ennis discutem



O comportamento punido ou sob contingências aversivas de reforço negativo geram emoções desagradáveis e comportamento de violência. Sobre estes efeitos aversivos para o indivíduo, Sidman (1995) afirma que

a punição envenena relações [...], gera violência e nos torna doentes. O reforçamento negativo produz vidas de desespero, esmaga a engenhosidade e a produtividade, transforma a alegria em sofrimento, confiança em si mesmo em medo e amor em ódio (SIDMAN, 1995, p. 231).

Essas análises dos conflitos entre Ennis e Alma estão ligadas com a relação que ele mantém com Jack. A discussão entre os dois aprofunda-se em contextos

que dizem respeito a relações infelizes que as pessoas mantem por aparência e que algumas vezes abrem mão do desejo sexual e se adequam a heteronormatividade às custas da sua felicidade plena. Tal tendência, segundo Gomes (2011) de certa forma, revela uma “violência simbólica” contra as pessoas que rompem as barreiras da heteronormatividade. Nesse caso, esse tipo de violência, caracteriza-se por oprimir a recusa à existência da homossexualidade por meio da invisibilidade.

E é essa invisibilidade que permite que o amor entre Jack e Ennis só se realize na montanha, aprisionando-os a essa condição. A rejeição da relação dos dois ocorre em uma via de mão dupla, ao passo que parte deles mesmos, quando Ennis se descobre homossexual, sente preconceito consigo mesmo e sofre por isso, se esquivando o tempo todo desse sentimento, não por não amar Jack, mas por ter presenciado um episódio tão cruel cometido pelo pai. Outra manifestação é por parte dos que sabem e convertem-se em opressores. O patrão expressa sua repulsa por Jack quando ele retorna em busca de emprego, Alma, a esposa traída, revela sua repulsa pela relação do marido. Assim, conforme Miskolci (2006), todos são envolvidos no mesmo mecanismo social que constitui a experiência de rejeição aos protagonistas.

Cada um buscou se adequar e cumprir os papéis socialmente exigidos, contudo, o fizeram a duras penas, a custa de tantas outras coisas, como o fato de viverem um com o outro e constituírem uma vida em comum. O sexo biológico (homem) e algumas teorias acerca da origem da homossexualidade foram fatores filogenéticos, ou seja, a história da evolução da espécie. A história de vida, por Ennis ter visto um homem morto por ser homossexual e ter se esquivado é a ontogenia. E por fim o contexto cultural que massacrou os dois, que poderiam ter pequenos momentos de felicidade ao longo de todos esses anos desde que se conheceram.

O sentimento de dor e sofrimento é fundo de toda a discussão. O amor que sentiam era recíproco, mas que não pode ser vivido. Relação bem pior do que “Romeu e Julieta”, pois aqui não eram as famílias que se odiavam, mas toda a sociedade que desaprovava (e atualmente ainda desaprova) qualquer manifestação afetiva que destoe na heteronormatividade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme retrata o tempo todo o sofrimento de duas pessoas que não conseguiram viver o amor entre eles plenamente, arrastando por quase três décadas um relacionamento às escondidas. É um filme profundo, intenso e muito triste. É um amor sufocado, em meio às vivências familiares de cada um, dos trabalhos que faziam dos lugares que frequentaram, nunca estavam felizes, sempre havia uma lacuna no dia-a-dia pela vida que não podiam ter.



Percebe-se quão delicado é tratar de assuntos que envolvem a sexualidade, pois envolvem questões subjetivas e culturais, como o preconceito. Como descrito neste estudo, a Psicologia possui suma importância na promoção de reflexões acerca dessa temática implicada com as questões da diversidade sexual. Muito já foi e continua sendo feito, como a resolução CFP N° 001/99, art. 1° “os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade”.

Skinner (2002, p. 112) reforça essa visão ao dizer que “a terapia comportamental promove a saúde comportamental no sentido que ajuda as pessoas a se comportarem bem, não no sentido de ter boas maneiras, mas de ser bem sucedidas”. No entanto, alguns psicoterapeutas não conseguem lidar com os paradoxos entre questões pessoais e profissionais. Assim, de acordo com Moreira (2013), “os psicólogos que prometem cura para homossexualidade (definindo-a como doença, portanto) refletem a hostilidade pública sobre esse assunto, mas

parecem esquecer que muitos homossexuais sentem-se bem da forma como são” (p, 36).

Portanto, torna-se pertinente refletir em como a academia tem conseguido tratar de temas como preconceito e diversidade sexual, a fim de preparar os futuros profissionais para enfrentarem questões como essas vivenciadas no filme no dia-a-dia. Salienta-se que essas reflexões poderão gerar incômodo, pois perpassam aspectos não apenas profissionais, mas pessoais, suscitando valores e (pre)conceitos individuais. Todavia, faz-se necessário essa reflexão, no sentido de indagar sobre as práticas da psicologia, enquanto ciência e profissão, na perspectiva de que esta esteja em contínuo progresso.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, A.; FUKAHORI, L.; HAYDU, V. B.. Filmes com cenas de violência: Efeito sobre o comportamento agressivo de crianças exposto no enredo de uma redação. **Interação em Psicologia**, Londrina: v. 1, n. 8, p.89-102, jun. 2004.
- BAPTISTUSSI, M. C.. Disfunções sexuais e classes de resposta relacionadas. In: BRANDÃO, M.Z. S. et al (Org.). **Sobre Comportamento e cognição**. 12. ed. Santo André: Esetec, 2003. Cap. 17. p. 162-168.
- BARRETO, W; RIBEIRO, M. R. Homossexualidade, coerção e homofobia em "Orações para Bobby. In: A. K. C. R. DE-FARIAS; M. R. RIBEIRO (Orgs.), **Skinner vai ao cinema. Vol. 2**. Brasília: Instituto Walden4. ed. 1. p. 90-110. 2014. Acesso em 08 dez 2016.
- BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo**. Porto Alegre: Artmed. 1999
- BRASIL. Ministério da Educação. Caderno Escola Sem Homofobia. **Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília, DF. 2011. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 04 dez 2016
- BRASIL. Organização Internacional do Trabalho - OIT. **Sobre discriminação em matéria de emprego e profissão**. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br>>. Acesso em: 17 mai 2017.
- CHRISTO, A. E; MOTTA, R. Fin. **As interfaces entre a psicologia e a diversidade sexual: um desafio atual**. Santa Maria, RS. 2012
- CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Resolução 01/1999**. Brasília, DF. 1999.
- COSTA, S. E; MARINHO, M. L. Um Modelo de Apresentação de Análise Funcionais do Comportamento. **Rev. Estudos de psicologia**. Campinas: v. 19, n. 3, p. 43-54, set/dez 2002.
- DAVIDOFF, J. J. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Mc Graw-Hill. 1983.
- DUARTE, V; CHRISTIANO, A. P. A história da sexualidade. In: **XIV Semana da Educação**, Londrina: 2012.
- FACCHINI, R. Histórico da luta de LGBT no Brasil. In: **Psicologia e Diversidade Sexual**. Conselho Regional de Psicologia - CRP - 6ª região (org.). Caderno temático nº 11. São Paulo: 2011.
- FAZZANO, L. H.; GALLO, A. E. Uma análise da homofobia sob a perspectiva da análise do comportamento. **Temas em Psicologia**, [s.l.], v. 23, n. 3, p.535-545, 2015.
- FERREIRA, M. L. **Sexualidade e desenvolvimento humano**. 2006. 37 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-graduação Lato Sensu, Departamento de Biologia da Universidade Federal de Lavras, Lavras: 2006.

FILIPAKIS, C. D. **Utilização de princípios da Análise do Comportamento no ensino de algoritmos e programação.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, TO, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).

GARCIA, A; SOUZA, E. M. Sexualidade e Trabalho: Estudos sobre a Discriminação de Homossexuais masculinas no sector bancário. **Revista de administração pública (RAP).** Rio de Janeiro: v. 44. n. 6. p. 1353-77, nov/dez. 2010.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (org). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, R. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S; ASSIS, S. G; NJAINE, K. (org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 141-151. 2011.

GOUVEIA, V.V. et al. Valores e motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais. **Psicologia em Estudo.** Maringá: v. 17, n. 2, p. 205-214, abr./jun. 2012.

KAHHALE, E. M. P. Enfrentamento à patologização e à homofobia: Código de ética do psicólogo e resolução CFP 001/1999. In: **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos.** Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2011.

LAU, H. D. “O Segredo De Brokeback Mountain”: A Sociedade, A Família E A Sexualidade. **Claraboia: Revista do Curso de Letras da UENP.** Jacarezinho. v. 1. n.2. p.108-116, jan./jun. 2015.

LIDÓRIO, A. A.; TATAREN, J. C. Disfunções sexuais masculinas. **Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento.** Londrina.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Editora Vozes, 6. ed, 1997.

MALOTT, R. W. A. **Uma visão analítico comportamental da sexualidade, Transexualidade, homossexualidade e heterossexualidade.** 1996.

MATIAS, D. Psicologia e orientação sexual: Realidades em transformação. **Análise Psicológica.** 149-152. 2007.

MENEZES, A. B. de C; BRITO, R. C. S. **Reflexão sobre s Homossexualidade como subproduto da evolução do prazer.** Psicologia em Estudo. Maringá. v. 12, n. 1, p. 133-139, jan./abr. 2007.

MISKOLCI, R. O segredo de Brokeback Mountain ou o amor que ainda não diz seu nome. **Rev. Estud. Fem.** vol.14, n.2, pp.561-564. 2006.

- MOREIRA, L. S. **Contexto Psicoterapêutico como Agência de Controle:** Reflexões a partir da ética skinneriana. 2013. 59 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialista em Análise Comportamental Clínica. Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília: 2013.
- MOREIRA, L.S; SILVA, A.B.D. Lilo e Stitch: Ensinando o “Mau” Comportamento? **Rev. Psicólogo**. Ano 2, Vol 1, p. 55-64, 2009.
- MOREIRA, M. B; MEDEIROS, C. A. de. **Princípios básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MOTT, L. R. B. Homo-afetividade e direitos humanos. **Estudos Feministas**. 14(2). p. 509-521, maio/ago. Florianópolis: 2006.
- NENO, S. Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**. Belém: v. 5. n. 2, p.151-165. 2003.
- OLIVA, V. H., VIANNA, A; NETO, F. L. Cinematerapia como intervenção psicoterápica: características, aplicações e identificação de técnicas cognitivo-comportamentais. **Revista Psicologia Clínica**. Curitiba: v. 37. n. 3, p. 138-144. 2010.
- O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN. Direção de Ang Lee. Estados Unidos: Focus Features, 2005. (134 min).
- PARREIRA, P. M. S; PARREIRA, G. A. R. O uso de filmes na Clínica Comportamental: procurando Nemo. **DESAFIOS: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**. v. 1. n. 02. p. 169-184, jan/jun. 2015
- RIBEIRO, A. Mulheres que ficam casadas com homens que têm casos gays fora do casamento. **Produzido por Igay**. 2014. Disponível em: <<http://igay.ig.com.br/2014-08-08/mulheres-que-ficam-casadas-com-homens-que-tem-casos-gays-fora-do-casamento.html>>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- ROCHA, V. V. S; OLIVEIRA, M. C. F. A; GONÇALVES, F. F. G. O uso de filmes como estratégia terapêutica na prática clínica. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. Ribeirão Preto: v. 18, n. 1, p.22-30, out. 2016.
- SAFFIOTI, H. I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Tradução M. A. Andery; T. M. Sério. Campinas: Psy. 1995.
- SOARES, W. Conheça o "kit gay" vetado pelo governo federal em 2011. **Publicado em Associação Nova Escola**. 2015. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução J. C. Todorov; R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes. 11. ed. 2003.

SKINNER, B. F. **Questões recentes na análise comportamental**. Tradução A. Li. Neri. 3. ed. Campinas: Papyrus. 3. ed. 2002.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. IX, n. 1, p. 129-137. 2007.

SPITZNER, R. H. L. **Sexualidade e Adolescência**: Reflexões acerca da educação sexual a escola. 2005. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Concentração: Aprendizagem e Ação Docente. Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá: 2005.

TODOROV, J. C. O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 1, 75-88. 1985.

TOURINHO, E. Z. A produção do conhecimento em Psicologia: a análise do comportamento. **Psicologia Ciência e Profissão**. 23, 30-41. 2003.

VASCONCELOS, L. A. Interpretações analítico-comportamentais de histórias infantis para utilização lúdico-educativas. **Humanidades**. Brasília:. v. 1, p. 1-13. 2005.